



CONAHCYT



ENTREVISTA A DÉCIO GUZMÁN

Entrevistadora:

Verónica Zárate Toscano,  [0000-0001-6517-1706](https://orcid.org/0000-0001-6517-1706)

Lugar y fecha de entrevista:

México-Paris, 20 de enero de 2023

Edición disponible en:

<https://doi.org/10.59950/IM.129>

Citación sugerida:

Zárate Toscano, V. (2024). *Entrevista a Décio Guzmán* (Transcripción de entrevista; IM.129.05).

Maquetación en L^AT_EX:

Mario Alberto Ramírez León

Derechos:

Esta obra está protegida bajo una Licencia Creative Commons Atribución-NoComercial 4.0 Internacional: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>



Décio Marco Antônio de Alencar Guzman a. Décio Guzmán (1967, Rondônia, Brasil). Doutor em Civilizações, culturas, literaturas e sociedades pela Sorbonne Université em 2018. Especialista em História da Amazônia e da América, com ênfase no período colonial e no indigenismo, e em História Digital. Professor e pesquisador da Faculdade de História da Universidade Federal do Pará, Brasil.

ENTREVISTA A DÉCIO GUZMÁN

México-Paris, 20 de janeiro de 2023

Hoy es viernes 20 de enero de 2023, estoy con Décio Guzmán. Pláticanos un poco sobre tus orígenes, tu familia, tu formación, tus estudios, para que empecemos a conocerte en términos personales y académicos.

Eu venho de uma região que fica ao Sul da Amazônia, na fronteira com Bolívia. Se chama Rondônia¹ e faz parte Amazônia brasileira. Nasci nos anos sessenta: 26 de abril de 1967. E desde pequeno tive muito contato com este mundo das fronteiras.² Porque na Amazônia, na verdade, é a Amazônia a região que possui a maior fronteira brasileira com outros países: oito. A Amazônia é diferente do resto do Brasil. Viver na fronteira realmente é uma experiência que condicionou a minha trajetória em muitos aspectos e os meus interesses também, inclusive no campo dos estudos históricos. Por isso, eu acho que é importante dizer essa característica geográfica da minha região e também o tipo de experiência que acompanha essa origem, experiência humana, também de interesses de estudos, e de interesses depois de trabalho e de pesquisa, de investigação. A minha família vivendo nessa região de fronteira, provém também ela de outras regiões; e é localizada e formada e fixada nesse estado da Federação Brasileira, o estado de Rondônia, em particular na sua capital, que é a cidade de Porto Velho. E eu tenho o meu nome emprestado. Esse nome Décio Guzmán não é o nome que teve a mim como primeiro designado. O primeiro Décio Guzmán foi o meu bisavô e viveu na cidade de Iquitos,³ no Peru. Depois há pessoas da minha família, da parte materna, que vieram de outras partes do Brasil para se fixarem na Amazônia ao início do século vinte. E toda essa experiência foi carregada pela economia da borracha. O látex foi uma economia importante para Amazônia inteira, não somente para as duas grandes capitais da Amazônia brasileira que são Manaus e Belém, mas também para todas as outras áreas da Pan-Amazônia. Na verdade, o Brasil do final do século dezanove, e início do século vinte possuía dois grandes produtos econômicos de exportação. Um era a borracha, o látex na Amazônia; o outro era o café em São Paulo e no Rio de Janeiro. Havia duas grandes elites econômicas que negociavam com esses produtos. Do lado de São Paulo e do Rio de Janeiro o café, e do lado da Amazônia, a borracha. A minha família foi muito associada à economia da borracha. O meu avô materno, possuía seringais:

¹ Rondônia é um dos vinte e seis estados da República Federativa do Brasil. Sua capital é Porto Velho. Localiza-se na parte sudoeste da região norte do país, entre os rios Madera e Guaporé. <https://mapcarta.com/es/Rondonia>

² Décio Guzman, “Fronteiras móveis, Fronteiras vivas: índios, negros marrons, soldados e missionários na Amazônia guianense (séculos XVII e XVIII)” em A. L. Meira y S. J. Pesavento, *Fronteiras do mundo ibérico: patrimônio, território e memória das Missões*, Porto Alegre, Editora da UFRGS-IPHAN, 2007, pp. 37-50.

³ Iquitos, capital da região de Loreto, província de Maynas, está situada no nordeste do Peru, nas margens de um braço secundário do rio Amazonas. <https://www.voxlocalis.net/numero73/turismo/la-ciudad-de-iquitos-peru>

são as grandes zonas de produção de látex, e constituiu um pouco da sua economia, da riqueza da família com a venda dos produtos da borracha naquela época. Então eu tenho essa origem na região sul da Amazônia. Depois, a minha experiência pessoal também ocorre ao longo de várias migrações. Porque nasci em 1967, mas em seguida, com dois anos de idade, migrei pra Belém, que fica no outro lado extremo da Amazônia ao norte. E fiquei em Belém até mais ou menos a minha adolescência e, ao final da adolescência, retornei novamente para viver três anos em Rondônia. E ainda vivi um ano em Manaus. Mas comecei, de fato, os meus estudos universitários de história quando era adolescente em Porto Velho, depois de ter vivido durante muitos anos em Belém. Este vai e vem da minha experiência entre o norte e o sul da Amazônia, me ofereceu uma visão panorâmica de toda a Amazônia, tanto mais ao norte quanto mais ao sul. Eu tenho uma experiência que, na verdade, é de itinerância dentro da Amazônia. E isso me ofereceu uma visão muito complexa das várias Amazônias, porque de fato não existe apenas uma Amazônia. É uma ficção falar de Amazônia no singular e eu diria que a Amazônia deve ser sempre declinada no plural. Acho que, por uma razão, pela experiência de vida, pela minha trajetória, acabei conhecendo várias dessas Amazônias, tanto ao Norte e ao Sul. Isso é importante, porque hoje nós sabemos que a Amazônia é uma região no planeta que possui forte biodiversidade, mas também possui excepcional sociodiversidade. O cruzamento dessa biodiversidade com a sociodiversidade produz uma riqueza humana enorme. Por exemplo, a Amazônia brasileira possui hoje a maioria da população indígena brasileira. As línguas indígenas faladas na Amazônia brasileira hoje são cerca de 200.⁴ Superior à experiência da Amazônia brasileira só há outra zona do planeta com tanta diversidade linguística e sociodiversidade, que é a Papua Nova Guiné, que possui 800 línguas.⁵ Eu creio que isso leva em conta também a variedade de experiências humanas que ocorrem nas diversas Amazônias. Por isso, não é possível falarmos hoje em Amazônia no singular. Bom, eu comecei então a experiência no curso de nível superior voltado para história, também associada a um momento particular da minha trajetória em um contexto brasileiro.

Quando eu tive que escolher um curso de nível superior na universidade, o Brasil passava por um momento de transformação muito grande. O país tinha vivido entre 1964 e 1985, a experiência da ditadura militar,⁶ uma experiência muito forte e dolorosa para o país. Quando eu estava no momento de escolher um curso universitário, ouvi um movimento grande de pessoas falando de política, de maneira engajada e extremamente emotiva. Essa experiência foi

⁴ O número de línguas indígenas atualmente faladas na Amazônia varia de acordo com a fonte dos dados. O que é claro é que o Brasil lidera os países ibero-americanos com o maior número, seguido pelo México, Colômbia, Peru e Venezuela. <https://www.nationalgeographic.com/historia/2023/05/cuantas-lenguas-indigenas-se-hablan-latinoamerica>

⁵ A Papua Nova Guiné é considerada o país com maior diversidade linguística do mundo. Localizado perto da Austrália, tem uma população de oito milhões de habitantes e mais de 800 línguas são faladas, já que é povoado por uma grande variedade de tribos. Redacción BBC Mundo Editor 3 de janeiro de 2019. <https://www.bbc.com/mundo/noticias-46738790>

⁶ Antonio Torres Montenegro, “Dictadura en Brasil (1964 -1985). La militancia política, el encarcelamiento y la tortura”, en *Confluente: Rivista di Studi Iberoamericani*, Vol. 6, N. 2, 2014, pp. 167-200, <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4993020>

o período das eleições chamadas: “Diretas Já”,⁷ quando o Lula, o presidente atual do Brasil,⁸ se candidatou pela primeira vez à presidência da república. Ele não ganhou as eleições, mas aquelas eleições marcaram a experiência política brasileira, porque representou a abertura do Brasil para a democracia, após 21 anos de ditadura militar. Então, foi este o momento no qual eu tinha que escolher um curso universitário e escolhi o curso de história, porque era aquele que me parecia o mais propício a responder as perguntas que me vinham à cabeça na época, como: o problema da democracia, porque os militares haviam permanecido tanto tempo no poder; com que meios eles haviam conseguido fazer isso e quais tinham sido as consequências para a vida política no Brasil, essa permanência militar durante tanto tempo à frente do Estado. Então, o saber histórico me pareceu aquele que mais oferecia possibilidades de respostas para essas perguntas e isso então me fez iniciar a minha experiência como historiador.

Cuando me contabas tus orígenes, recordé esa canción de Chico Buarque, “Paratodos”⁹ que dice “O meu pai era paulista, meu avô, pernambucano, O meu bisavô, mineiro, Meu tataravô, baiano ...”, relacionando una mezcla de regiones de donde provienen los que van conformando familias. En tu caso tienes, además, este antecedente peruano y el de vivir en zona de frontera. Ahora que has descrito cómo es la Amazonia, queda claro que no podemos hablar de la Amazonia, sino de las Amazonias. Y debemos tomar en cuenta que Brasil es un país que tiene una diversidad de regiones; esta región de Amazonias es muy compleja, pero hay otras. Sin embargo, hay algo que los mantiene unidos como país y tú como historiador, como interesado en el pasado, te habrás preguntado: ¿qué tengo yo en común con alguien que vive en Rio, o en Belo Horizonte o en otras regiones del país? ¿Qué es lo que mantiene unido a este país tan grande, con un espacio muy extenso, con regiones muy diversas, con climas muy diversos y con una sociedad muy diversa?

Essa é uma pergunta complexa, mas ela possui algumas respostas possíveis. Creio que o primeiro fator de unidade das Amazônias, com o Brasil, é a língua portuguesa. Mas imputar a língua portuguesa para as Amazônias e para o Brasil também é falar da colonização do Brasil.¹⁰ Esse fator unificador da colonização portuguesa na Amazônia e no restante do Brasil é preponderante e importante relativo a outros fatores. Por quê? Foram criadas no período

⁷ Em 25 de janeiro de 1984, o movimento civil “Diretas Já” levou milhares de pessoas às ruas de São Paulo, e posteriormente a outras cidades do país, para exigir o fim do regime militar (1964-1985) e o direito à eleição direta do presidente da República do Brasil. Promoveu o retorno à democracia com um governo de transição entre 1985 e 1990, sob o comando de José Sarney, que foi sucedido por Fernando Collor de Mello, eleito pelo voto direto em 1989. Segundo Luiz Inácio Lula da Silva, “Fizemos a campanha mais extraordinária que o país já viu, porque conseguimos unir todo mundo, todo o movimento sindical, o movimento estudantil, muitos empresários, todos os partidos políticos, com exceção dos partidos de direita”. *La Información, Noticias*, 25 de janeiro de 2014, https://www.lainformacion.com/espana/lula-recuerda-los-30-anos-del-movimiento-diretas-ja-en-brasil_ImUzVikf21V3SoXMY7tyc3/

⁸ Luiz Inácio Lula da Silva, (n. 1945), candidato pelo Partido dos Trabalhadores, foi presidente de 2003 a 2011 e regressou em janeiro de 2023 para um quarto mandato depois de derrotar Jair Bolsonaro, que procurava a reeleição. https://www.cidob.org/es/biografias_lideres_politicos/america_del_sur/brasil/luiz_inacio_lula_da_silva

⁹ Chico Buarque: “Paratodos”, 1993 <https://www.youtube.com/watch?v=SJSeYOLPnX4>

¹⁰ Décio Guzman, “A colonização nas Amazônias: guerras, comércio e escravidão nos séculos XVII e XVIII” em *Revista de Estudos Amazônicos*, vol. III, N. 2, 2008, pp. 103-138.

colonial certas estruturas políticas, econômicas, ideológicas que deram forma às elites amazônicas e a uma série de elementos que compõem a formação social caracteristicamente brasileira e amazônica. A questão é que, desde o período colonial, a Amazônia foi uma região aparte do resto do Brasil. Essa é uma história de conexão direta da região amazônica ou das capitais amazônicas com Lisboa, durante 400 anos de presença portuguesa na região e também de outras nações europeias aí. A relação política e administrativa de Belém e São Luís do Maranhão ocorreram diretamente com Lisboa, não passou nem por Salvador, a primeira capital do Brasil, nem pelo Rio de Janeiro, a segunda capital do Brasil. Só hoje, com Brasília, a Amazônia possui uma ligação política administrativa direta ao poder central. Então, essa é uma característica particular da Amazônia: a ligação direta com o mundo português, sem passar pelo resto do Brasil durante 400 anos. Isso deu à Amazônia uma forma particular de ser e existir do ponto de vista urbano,¹¹ do ponto de vista social, político, do ponto de vista da organização das suas próprias elites e também uma organização da população, que é peculiar até hoje em relação ao resto do Brasil. Como eu afirmei antes, a Amazônia concentra hoje praticamente 80% da população indígena existente no território nacional; 20% vivem no restante do Brasil. Então houve essa primeira característica. Uma segunda característica importante da Amazônia seria a grande floresta tropical. Como a maior floresta tropical do planeta, essa região manteve ou possibilitou a permanência de uma estrutura ecológica particular que a diferenciou do resto do Brasil. Inclusive, sobre vários pontos de vista o ponto de vista colonial contemporâneo. No caso da Amazônia, as ordens religiosas que permaneceram aí, foram responsáveis por grande parte do processo de urbanização que forjou o estilo urbano atual.¹² Não foi assim para as outras partes do Brasil. Por exemplo, Minas Gerais não abrigou ordens religiosas católicas particulares, nem jesuítas, nem mercedários, nem dominicanos, nenhuma ordem religiosa que estruturou o mundo urbano em Minas Gerais desde o período colonial e até o presente. A Amazônia sofreu, do ponto de vista histórico e desde o período colonial, uma experiência particular que a diferenciou em relação ao resto do Brasil. Mas eu creio que o que une a Amazônia ao resto do Brasil é a língua e tudo o que vem com ela, ou seja, a expressão do entendimento do mundo, a relação e o isolamento com os outros países, as heranças da colonização portuguesa, o catolicismo luso, e as populações indígenas que estão ali conseguindo com muita dificuldade, com muitos obstáculos, permanecer em suas terras. É importante lembrar, por exemplo, no caso indígena, a Amazônia possuiu características diferentes das outras Américas. Houve escravidão indígena na Amazônia até o século XIX, escravidão legal. Não foi o caso da América Hispânica, por exemplo, onde as comunidades indígenas gozaram de autonomia e um certo respeito da coroa espanhola desde

¹¹ Décio Guzman, “Constructores de ciudades: mamelucos, indios y europeos en las ciudades pombalinas de la Amazonia (siglo XVIII)” en Clara García & Manuel Ramos Medina (comps.), *Ciudades mestizas: Intercambios y continuidades en la expansión occidental, Siglos XVI a XIX. IV Congreso Mediadores Culturales México. Ciudades Mestizas: Intercambios y continuidades en la expansión occidental, siglos XVI a XIX*, México, Centro de Estudios de Historia de México, CONDUMEX, 2001, pp. 89-99.

¹² Décio Guzman, “Mission locale, vision globale : utopie et vie sociale dans les missions jésuites en Amazonie au XVIIe siècle” en *e-Spania. Revue interdisciplinaire d'études hispaniques médiévales et modernes*, oct. 2015. <https://journals.openedition.org/e-spania/25124> Incluído también en Jean-Claude Muller, Karl-Heinz Arenz, *Mission, acculturation et histoire globale : l'exemple du Brésil et de l'Inde. Actes du Colloque de Luxembourg, 13-15 octobre 2010*, Luxemburg, Les Amis de l'Histoire, 2015, pp. 97-111.

o século XVI com leis particulares para a “República de índios”.¹³ A “República de Índios” não existiu no Brasil, e menos ainda na Amazônia, com todas as suas características, o que proveu um estatuto jurídico, um estatuto social para os índios no México, no Peru, na Guatemala, nos países hispânicos que não existiu e não existe no Brasil. Essa característica específica da relação dos brasileiros com os indígenas, foi muito particular, sobretudo no Brasil e na Amazônia. Outra característica importante da Amazônia, que a diferenciou em relação do Brasil, foi a chegada da população negra, a escravidão negra na segunda metade do século XVIII. O tráfico português de escravos africanos foi um dos maiores no mundo, trazidos da África para o Brasil no século XVI. A Amazônia manteve um tráfico escravo de africanos somente a partir da segunda metade do século XVIII, diferentemente de Salvador, do Nordeste do Brasil, de São Paulo, do Rio de Janeiro. Então, a população negra na Amazônia é bastante inferior demograficamente em relação ao restante do Brasil. Há uma predominância da população mestiça na Amazônia. Resumindo, a Amazônia possui características específicas formatadas desde antes do período colonial e as forças que a mantiveram como região brasileira atadas ao resto do país, foram a língua e as diversas elites se constituíram ao longo dos séculos. Esse último aspecto é um fator importante. A Amazônia brasileira não possui uma nobreza indígena colonial como é o caso do México, por exemplo. Os indígenas no Brasil e na Amazônia nunca obtiveram o reconhecimento dos portugueses, que os índios mexicanos alcançaram dos espanhóis com a formação de uma “nobreza”; isso não ocorreu no caso do Brasil. Então, essa população indígena sempre foi submetida ao trabalho forçado e emparelhada ao trabalho escravo africano. Nesse caso, aquilo que se afigurou como semelhante entre as regiões do Brasil e que as manteve unidas, inclusive no século XIX com as guerras separatistas, Cabanagem, Farroupilha, as diversas revoltas de independência política que houveram no século XIX,¹⁴ quem manteve o Brasil unido distante da fragmentação foram as elites mestiças, que no mais das vezes eram elites controladas por uma maioria de origem portuguesa. Esse foi fator importante de unificação da nação e a presença da língua portuguesa encerrou as muitas modulações sociais e políticas no Brasil. No Brasil se fala, inclusive na Amazônia, muitas línguas portuguesas com pronúncias diferenciadas. Porém, essencialmente o ensino da língua portuguesa e a permanência dessa língua vernácula oficial do Brasil certamente é um dos elementos unificadores da nação.

¹³ Abelardo Levaggi, “República de Indios y República de Españoles en los Reinos de Indias”, en *Revista de estudios histórico-jurídicos*, n. 23, Valparaíso, 2001, https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0716-54552001002300009

¹⁴ Entre 1831 e 1840, o Brasil foi governado por regentes enquanto Pedro de Bragança atingia a maioria exigida pela Constituição para chefiar o Império. As tensões entre as elites das diferentes regiões provocaram uma série de movimentos denominados “Revoltas Regenciais”. Os principais foram a Cabanagem no Pará (1835-1840), a Guerra dos Farrapos no Rio Grande do Sul (1835-1845), a Sabinada na Bahia (1831-1833), a Balaiada no Maranhão (1838-1841) e a Revolta dos Malês em Salvador (1835). <https://cursoenemgratuito.com.br/revoltas-regenciais/>

Tú has trabajado, has vivido Amazônia y has situado a Amazônia en el mundo académico. En un libro que coordinaste en 2002 con José Maia Bezerra Neto, refieren que Euclides de Cunha escribió en 1904 que Amazônia era “terra sem história”, pero gracias a los textos ahí reunidos se demuestra que Amazônia es una “terra matura” como llaman el libro.¹⁵ Esta “terra matura” sigue dándose a conocer gracias a historiadores que, como tú, la han posicionado en la historiografía mundial.

Sim, hoje é possível falarmos de uma historiografia amazônica, que possui alguma (pouca) penetração no circuito historiográfico mundial, ocidental pelo menos nos Estados Unidos e na Europa. Há hoje um grupo de historiadores, do qual eu modestamente faço parte, e que é ligado às universidades públicas, em Belém e em Manaus, mas também em Rondônia,¹⁶ e outras partes da Amazônia. Esses historiadores começam a produzir pesquisas inovadoras, em arquivos, e começam a sair da pura teoria marxista ou positivista ou qualquer outra com investimento de tempo, trabalho e capital na produção de obras, de textos não somente para universidades, mas, também, para outros níveis de estudo e de formação educacional. Hoje há também um esforço para investimento na educação básica, no ensino secundário, no domínio da história em e outras áreas produzido dentro da universidade. Eu e meus colegas começamos a realizar textos, vídeos e material digital que dão acesso amplo a essa história da Amazônia, tudo preparado a partir da pesquisa em arquivos e também em diálogo com a pesquisa que se faz no mundo. Inclusive com o México e com o Peru. Hoje há uma busca intensa dos historiadores da Amazônia brasileira de pontos de contato com as historiografias de outros países. Busca-se conhecer e criar a comunidade dos historiadores da Pan-Amazônia, ou seja, a Amazônia que abraça os nove países que a constituem: a Amazônia boliviana, colombiana, peruana, venezuelana, etcétera.¹⁷ E hoje começa a haver um pequeno intercâmbio intelectual e institucional entre os grupos de historiadores que vivem nas diversas partes da Pan-Amazônia, justamente pela formação de grupos de historiadores e a formação de estudantes em número considerável. Os programas de pós-graduação aos quais estou associado em Belém,¹⁸ completam agora dez e seis anos de existência cada um deles. Nós formamos um bom número de doutores em história com pesquisa voltada especificamente para nossa região. Esse fato ajuda a estruturar a pesquisa, a estruturar também o conhecimento da região voltada para o ensino básico e o ensino dos outros níveis de educação.

¹⁵ José Maia Bezerra Neto, Décio de Alencar Guzmán, *Terra matura: historiografia e história social na Amazônia*, Belem, Editora Paka-Tatu, 2002.

¹⁶ Universidade Federal do Pará (UFPA) em Belem, <https://www.ufpa.br/> ; Universidade Federal do Amazonas (UFAM) em Manaus, <https://ufam.edu.br/> y Universidade Federal de Rondônia, UNIR, <https://www.unir.br/homepage>

¹⁷ Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guayana, Guayana francesa, Perú, Surinam, Venezuela.

¹⁸ O Programa de Pós-Graduação em História (PPHIST) da Universidade Federal do Pará, Brasil, “tem como objetivo refletir historiograficamente sobre a diversidade social, étnica e cultural da Amazônia em sua relação com a biodiversidade local. Neste sentido, visa formar investigadores e professores neste campo de múltiplas realidades. Por outro lado, visa também incentivar e criar estudos históricos que relacionem a realidade e a historicidade da Amazônia com análises de outras dinâmicas históricas do Brasil e da Pan-Amazônia”. <https://www.prosp.ufpa.br/index.php/mestrados-e-doutorados>

Tú has hablado del factor colonial. Brasil era una colonia cuya cabeza estaba del otro lado del Atlántico, en Portugal. Eso ha implicado que, para hacer estas investigaciones sobre Amazônia, hayas tenido que salir físicamente del territorio brasileño para consultar archivos en otras partes del mundo. Sin duda alguna, las estancias de investigación que has tenido en Portugal, en Italia, en Francia, en Estados Unidos te han enriquecido. ¿Para estudiar nuestros países en Iberoamérica, tenemos que salir a formarnos en otro lugar, a hacer investigación en otro lugar? Eso nos conecta con el mundo en términos académicos y en la búsqueda de la forma de poder resolver los problemas de nuestras historias regionales con el apoyo extranjero.

Sim, no meu caso em particular, essa experiência da saída do Brasil e da Amazônia para viver em outros países, pesquisar e fazer investigação em Portugal, na Itália, e outros lugares, ocorreu num certo momento da minha trajetória, por quê? Eu iniciei as minhas investigações em 1994, depois de ter feito a graduação em história na Universidade Federal do Pará, em Belém. Então saí de Belém para fazer o mestrado na UNICAMP, em Campinas,¹⁹ e nessa época a internet estava começando a dar seus primeiros passos no Brasil. Eu lembro que meu primeiro endereço de e-mail, eu o criei quando era estudante em Campinas. Porém, era uma experiência ainda primária, pouco elaborada. As conexões virtuais eram frágeis e os projetos de digitalização de documentos históricos em arquivos eram exíguos. Eu cheguei na Europa após concluir o mestrado. Comecei meu curso de doutorado em Paris, ainda nessa experiência muito do mundo de conexão das redes de internet, etcétera. Porém, em 1996, principiou no Brasil um programa de digitalização de documentos referentes ao Brasil existentes nos arquivos portugueses. Ele se chama “Projeto Resgate”, financiado pela colaboração do governo brasileiro com o português, onde grande parte dos códices e dos papéis coloniais brasileiros foram microfilmados e depois digitalizados.²⁰ Esse processo durou 10 anos, entre 1996 e 2006. Durante esse período sucedeu a minha pesquisa. Me tornei historiador exatamente no momento da transição global do universo analógico para o digital. Então, no primeiro momento da minha pesquisa, eu não possuía o acesso completo aos documentos digitalizados. Foi necessário realizar o que tu referiste, isto é, viajei a Portugal onde passei nove meses trabalhando nos arquivos e recolhendo a documentação, fazendo o apuro da bibliografia secundária, frequentando a Biblioteca Nacional em Lisboa, etcétera. Esse foi o núcleo inicial da matéria da minha pesquisa. Por uma opção pessoal escolhi não solicitar uma bolsa de pesquisa brasileira, preferi concorrer a bolsas europeias, porque eram mais convenientes ao meu caso. No Brasil, as bolsas de doutorado para meu nível de informação, duram quatro anos. Na Europa não há bolsas de doutorado com tempo de quatro anos. Elas prolongam-se em geral no máximo por seis meses. Eu devia renovar o financiamento de pesquisa, a cada seis meses. Fiz isso durante muito tempo. Tive não só que conhecer os centros de financiamento europeus, mas também o modo de pesquisar na Europa. Tive que me adaptar a esse outro universo. Ao mesmo tempo, isso me obrigou a outra coisa.

¹⁹ Décio Guzman, “História de Brancos: memória e historiografia dos índios Manao do Rio Negro (sécs. XVIII-XX)”, Mestrado em História, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil, 1998.

²⁰ O *Projeto Resgate de Documentação Histórica Barão do Rio Branco* foi criado em 1995 no âmbito da Comissão Bilateral Luso-Brasileira de Salvaguarda e Divulgação do Patrimônio Documental (COLUSO). Foram classificados e digitalizados documentos das 18 capitanias da América Portuguesa depositados em el *Arquivo Histórico Ultramarino* de Lisboa. Décio Guzman, “A colonização nas Amazônia: guerras, comércio e escravidão nos séculos XVII e XVIII” em *Revista de Estudos Amazônicos*, vol. III, N. 2, 2008, pp. 127-128.

Durante a minha pesquisa de doutorado, fui levado a reconhecer no percurso da pesquisa que, para a Amazônia do século XVII, era necessário ler documentos em holandês. Os holandeses mantiveram uma relação importante com a região durante esse século.²¹ Por isso, aproveitando a minha estadia em Paris, fiz um curso de holandês na Embaixada parisiense dos Países Baixos, para poder ler os documentos antigos escritos naquela língua. Portanto, tive que aprender uma língua que jamais havia imaginado um dia ser necessária à minha trajetória de historiador. Eu possuía o domínio do inglês desde a adolescência. O italiano aprendi de maneira autodidata, porque gosto muito de Ópera, gosto da literatura italiana em geral, e em particular da poesia italiana. O francês aprendi porque vivi na França durante muitos anos e tenho uma relação profunda com a cultura francesa. Pratico a língua francesa há trinta anos, todos os dias. O espanhol, pelo fato de ter nascido na fronteira do Brasil com a Bolívia, foi a primeira língua que aprendi a falar e a ouvir antes mesmo de aprender o português, porque minha “nodriza” era boliviana. O aprendizado dessas línguas me tornou, mais ou menos, hábil a trabalhar em arquivos de várias línguas diferentes. O multilinguismo foi importante para o meu trabalho de pesquisa histórica. Mas essa questão do aprendizado das línguas é fundamental para o estudo histórico do Brasil hoje, para além dos estudos sobre o Brasil colonial.

¿Por qué escogiste continuar tu formación académica en Francia?

Quando estava em Campinas fazendo o mestrado, tive duas opções. O meu orientador de mestrado na UNICAMP era americano, se chamava John Manuel Monteiro.²² Através dele, recebi o convite para continuar os estudos nos Estados Unidos. Essa seria a primeira opção. Porém, desde a graduação, a Escola Histórica Francesa tinha uma ascendência importante em minha formação como historiador. Por isso, eu guardava uma imagem da historiografia francesa, como aquela que havia renovado o saber histórico, mais do que os americanos. Essa experiência me abriu o olhar e a perspectiva para a Europa, em particular para França como espaço de formação. Mas um evento particular pessoal definiu terminantemente a França como local da minha formação para o doutorado. Em outubro 1996, veio à Belém o historiador Serge Gruzinski,²³ fazer uma conferência. Eu conhecia apenas os seus livros, mas não o conhecia pessoalmente. Quando o conheci, trocamos muitas ideias, e uma delas foi que, em Paris, havia um historiador

²¹ Décio de Alencar Guzmán y Lodewijk A. H. C. Hulsman, *Holandeses na Amazônia (1620-1650): documentos inéditos*, Belem, Imprensa Oficial do Estado do Pará, 2016.

²² John Manuel Monteiro (1956-2013) especialista em história indígena, pesquisador do Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Glória Kok, “En memoria de John Manuel Monteiro (1956-2013)”, em *Procesos: revista ecuatoriana de historia*, N.º 39 (enero-junio 2014), pp. 147-150. Autor, entre outros, de *Negros da Terra. Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*, São Paulo, Companhia das Letras, 1994 e coordenador da *Guia de Fontes para a História Indígena e do Indigenismo em Arquivos Brasileiros. Acervos das capitais* (São Paulo: Núcleo de História Indígena e do Indigenismo e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 1994).

²³ Veja a entrevista a Serge Gruzinski em Verónica Zárate Toscano, *Diálogo con historiadores. Reflexiones en torno al tiempo, el espacio y la memoria*, México, Instituto Mora, Facultad de Filosofía y Letras de la UNAM, Comité Mexicano de Ciencias Históricas, 2014, , pp. 101-120.

importante chamado Nathan Wachtel,²⁴ que havia estudado a história dos índios da Bolívia.²⁵ Eu havia iniciado a pesquisa de mestrado sobre os indígenas da Amazônia brasileira e gostaria de continuar o doutorado estudando a história desses indígenas. Para mim esse foi um fator essencial. Nos 1990 em que eu estava fazendo mestrado, a história indígena no Brasil estava começando a fazer o seu caminho com os estudos de Manuela Carneiro da Cunha,²⁶ do meu orientador John Monteiro. Ambos começavam a construir uma nova história brasileira a partir do ponto de vista dos indígenas. Serge Gruzinski me apresentando o Nathan Wachtel como um possível orientador de doutorado, eu decidi finalmente começar o doutorado em Paris e vim a Paris interessado em conhecer in loco a escola histórica francesa. Comecei a realizar um segundo mestrado na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais sob a direção do Nathan Wachtel.²⁷ Entretanto, comecei a perceber na “École” a riqueza das trocas que podiam resultar numa boa pesquisa sobre história indígena na Amazônia. Me associei ao grupo importante de historiadores americanistas liderado por Serge Gruzinski e Nathan Wachtel, o grupo do CERMA²⁸, onde encontrei também historiadores peruanos como o Juan Carlos Estensoro Fuchs,²⁹ que está em Paris e vários outros que estudavam a história colonial do Brasil, vivendo em

²⁴ Nathan Wachtel (n. 1935) Historiador e antropólogo francês, especialista em América Latina. Diretor de estudos na École des Hautes Études en Sciences Sociales e professor no Collège de France, titular da cadeira de História e Antropologia das Sociedades Meso e Sul-Americanas. https://www.fcde.es/site/es/autores/autor_detalle.aspx?idAutor=821 Autor, entre outros, de *La vision des vaincus. Les Indiens du Pérou devant la conquête espagnole (1530-1570)*, Paris, Gallimard, 1971. Em espanhol foi publicado como *Los vencidos. Los indios del Perú ante la conquista española*, Madrid, Alianza Editorial, 1976.

²⁵ Nathan Wachtel, *Le retour des ancêtres. Les Indiens urus de Bolivie, XXe-XVIe siècle. Essai d'histoire régressive*, Gallimard, 1990. Publicado em espanhol como *El regreso de los antepasados. Los indios urus de Bolivia del siglo XX al XVI. Ensayo de historia regresiva*, México, Fondo de Cultura Económica, 2001.

²⁶ Manuela Carneiro da Cunha (n. 1943), antropóloga. Foi professora da Universidade Estadual de Campinas e professora titular da Universidade de São Paulo. Seu trabalho divide-se entre etnologia, história e direitos indígenas, escravidão negra, etnicidade, conhecimentos tradicionais e teoria antropológica. <https://fru.to/es/palestrante/manuela-carneiro-da-cunha-es/> Autora, entre outros, de *Direito dos Índios*, São Paulo, Brasiliense, 1987 e *História dos Índios no Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

²⁷ Diplôme d'Études Approfondies, (DEA) en Histoire et Civilisations. École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris, Francia), memoria: «Les chefferies Indigènes du Rio Negro à l'époque de la conquête de l'Amazonie, 1650-1750 : le cas des Indiens Manao», 1998

²⁸ Centre de Recherches sur les Mondes Américains (CERMA), uma unidade multidisciplinar que fazia parte da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS), que articulava abordagens históricas, antropológicas, políticas e sociológicas para o estudo das sociedades latino-americanas. <http://cerma.ehess.fr/?lang=es&curr=0>

²⁹ Juan Carlos Estensoro Fuchs, (n. 1964), historiador peruano. Autor, entre outros, de *Del paganismo a la Santidad. La incorporación de los indios del Perú al catolicismo, 1532-1750*, Lima, Institut Français d'Études Andines, 1998, y de *Música y sociedad coloniales (Lima 1680-1830)*, Lima, Éditions Colmillo Blanco, «Arena», 1989

Paris na época: Carlos Zeron,³⁰ Charlotte de Castelnaud,³¹ e vários outros que estudavam a história dos índios no Brasil. Era um grupo realmente muito importante de jovens historiadores ao qual me conectei e comecei a trajetória durante o doutoramento. Havia outro fator importante. A proximidade de Paris como os arquivos em Portugal e os outros arquivos europeus me facilitaram a coleta de documentos, os trabalhos e as viagens necessárias à pesquisa e formação do doutorado na Europa, sem que eu precisasse fazer muitas viagens intercontinentais a partir do Brasil para a Europa. Os documentos estavam aqui “ao lado”. Como não havia a internet no início da minha pesquisa, era praticamente obrigatória a minha presença física na Europa para realizar essa pesquisa dos documentos em arquivos portugueses. E além deles, também nos arquivos ingleses, holandeses, franceses, na biblioteca Sainte-Geneviève, nos arquivos históricos de Paris, que guardam à época vasta documentação relativa a Guiana francesa³² e assim por diante. Esses foram os fatos que me conectaram com a formação francesa no campo da história.

En 2018 presentaste tu tesis doctoral, que es un resumen de tu investigación de muchos años.³³ ¿Cómo lograste conjuntar, en un volumen, todo este interés por las Amazônias, todas estas pesquisas? Es un texto que felizmente ha visto ya también la luz como un libro,³⁴ y que espero que tenga una mayor difusión de lo que puede tener una tesis. ¿Cómo fue ese proceso hasta llegar al momento de presentar un resultado de tal tamaño, sobre todas tus pesquisas anteriores?

De fato, fiz um grande esforço de síntese, porque esse é o grande desafio após anos de pesquisas em arquivos, com uma carga de leituras variadas e interesses amplos, tentando encontrar um eixo ou eixos que orientassem o trabalho da minha pesquisa durante todo esse período. Na experiência de entender o modo de elaborar uma síntese histórica, uma experiência interessante também foi o trabalho de escrita: como escrever a história da Amazônia Colonial? Porque não se tratava apenas do obstáculo de como pensar sinteticamente um material coletado tão amplo, mas também como expressar de maneira clara e acessível, e eu diria, em busca de um estilo literário, aquilo que eu pensava sobre a história da Amazônia. Esses dois caminhos, o esforço de elaborar uma síntese e o esforço da fabricação de uma narrativa foram as duas grandes pon-

³⁰ Carlos Alberto de Moura Ribeiro Zeron, Historiador brasileiro dela Universidade de São Paulo. Autor, entre outros, de *Ligne de foi: La Compagnie de Jésus et l'esclavage dans le processus de formation de la société coloniale en Amérique portugaise (XVIe-XVIIe siècles)*, Paris, Éditions Classiques Garnier, 2008.

³¹ Charlotte de Castelnaud-L'Estoile, (n. 1967), Historiadora francesa cuja investigação se centra no estudo das sociedades coloniais, nomeadamente no Brasil. <https://memoire-esclavage.org/charlotte-de-castelnaud-lestoile> Autora, entre outros, de *Les ouvriers d'une vigne stérile. Les jésuites et la conversion des Indiens au Brésil (1580-1620)*, Lisbonne-Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 2000, traducida como *Operários de uma vinha estéril: os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil 1580-1620*, Bauru, EDUSC, 2006.

³² A Guiana Francesa é um Departamento Ultramarino da França, situado na costa nordeste da América do Sul, entre o Brasil e o Suriname, constituído principalmente por florestas tropicais. <https://fundacionio.com/viajarseguro/paises/guayana-francesa/>

³³ Décio Guzman, “Dans le labyrinthe du Kuwai : échanges, guerres et missions dans la vallée de l’Amazone (1650-1750)”, Thesis de Docteur de Sorbonne Université, discipline Études romanes espagnoles, 2018. <http://www.theses.fr/2018SORUL182>

³⁴ Décio Guzman, *Dans le labyrinthe du Kuwai : Conquête, colonisation et christianisation en Amazonie (XVI-XVIII siècles)*, Paris, Éditions Le Manuscrit, 2021.

tes que busquei arquitetar durante o período final da pesquisa, para dar coerência a essa massa volumosa de material pesquisado em arquivos sob a forma de uma narrativa. É óbvio que a experiência da síntese é uma questão extremamente pessoal, assim como também o da narrativa, porém a síntese, no meu caso, foi orientada pela experiência pessoal da e na Amazônia. Como eu falei desde o início dessa entrevista, o fato de ter nascido no sul da Amazônia, ter vivido minha formação adulta no norte da Amazônia e ter circulado pela Amazônia, me colocou no juízo uma série de ideias que me orientaram nessa síntese. Por exemplo, a importância da geografia e da ecologia para toda essa região, ou seja, entender e explicar a importância dos rios na Amazônia, é uma questão fundamental. Depois há a experiência urbana, que é também uma vivência fundamental. Era importante para mim, tentando sintetizar essa história, refletir sobre um espaço que não corresponde aos mitos ocidentais sobre a floresta tropical. Um desses mitos é justamente aquele da terra paradisíaca, uma terra virgem onde não há história, “às margens da história”. Para tentar desmistificar essa visão falsificadora, um elemento fundamental é entender o modo como ocorreu o processo de urbanização na Amazônia, e como as diversas humanidades que viveram na região puderam ser reunidas na figura do caboclo,³⁵ o mestiço amazônico. Em minha história, a região foi se orientando em torno de alguns nós centrais entre os quais o da urbanização, o da cabocloização. Esses nós se entrelaçaram e se associaram a um outro elemento central da história da Amazônia que é o problema da militarização. A guerra sempre foi um topo recorrente para nós interpretarmos a história da Amazônia. Um fator articulado à história de todas as fronteiras territoriais brasileiras, mas também globais. No México há a fronteira norte dos Chichimecas,³⁶ uma região que vincula-se à noção de fronteira. Em todas as áreas de fronteira, a guerra é ponto crítico. Penso que inclusive no México, uma zona de fronteira para entender a guerra nas Américas, em chave de contraponto com a Amazônia, seria a história de Yucatán, a história da zona Maya. Porque ambas são próximas do ponto de vista ecológico e do ponto de vista da história dos homens. Mas também são zonas de fronteira. Eu creio ser esse um ponto de interlocução e comparação histórica entre duas zonas da América. Gostaria de desenvolver essa comparação no futuro. Resumindo, o processo de militarização e de guerra esteve sempre muito associado a essa história da Amazônia que eu desejava construir. Outra questão essencial também para a elaboração do meu estilo narrativo durante o doutorado, foi o contato com a literatura francesa. Como eu deveria escrever a minha tese em francês, foi muito importante a experiência com leituras, com o teatro, a filosofia francesa, a língua francesa. Eu creio que esse contato foi essencial para adquirir um olhar distanciado da Amazônia, porque sendo um homem vindo daquela área, um brasileiro vindo daquele universo

³⁵ Décio Guzman, “Índios misturados, caboclos e curibocas: análise histórica de um processo de mestiçagem, Rio Negro (Brasil), séculos XVIII e XIX” em C. Adams, R. Murrieta, W. Neves, *Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade*, Sao Paulo, Anablume, 2006, pp. 67-80, traducido como “Mixed Indians, Caboclos and Curibocas: Historical Analysis of a Process of Miscegenation; Rio Negro (Brazil), 18th and 19th Centuries” em Cristina Adams, Rui S. S. Murrieta, Walter A. Neves, Mark Harris, *Amazon Peasants Societies in a Changing Environment: Political Ecology, Invisibility and Modernity in the Rainforest*, New York, Springer, 2008, pp. 55-68.

³⁶ Alberto Puig Carrasco, “La gran Chichimeca una frontera inestable para nueva España”, en Carlos Díaz Sánchez, Alberto Puig Carrasco, Magdalena de Pazzis Pi Corrales (dirs.), *Aportaciones de los coloquios de Jóvenes Investigadores en Historia y Arqueología Militar. Nuevas Perspectivas*, Madrid, Universidad Complutense, Ministerio de Defensa, Cátedra de Historia Militar, 2020, pp. 407-434.

e vivendo em Paris, eu percebi que era necessário me afastar daquela região. Precisava vê-la como uma totalidade, conceber uma visão ampla da minha região e da sua história. Então, a língua francesa foi o instrumento desse distanciamento. Ela ofereceu a possibilidade para ver de longe a região dentro de mim mesmo. A narrativa histórica elaborada na língua francesa foi caminho importante nesse processo. O aprendizado da língua francesa, a convivência com a sua literatura, com a sua filosofia, com o seu teatro, com as palavras em suas diversas expressões, foi certamente o artefato mental para eu construir a minha narrativa.

Has hablado de tu interés y tu pasión por la música. Yo lo sé porque compartimos ese gusto por la música y sé que tú has estado también involucrado en la difusión de la ópera en Belém. Háblanos un poco de esta parte de tu vida.

Foi essa experiência pessoal de amor aos sons que me colocou em contato, ainda na adolescência, com um grupo de artistas e amadores de música que fazem teatro e ópera em Belém. Maria Sylvia Nunes,³⁷ Gilberto Chaves³⁸ são pessoas que me fizeram conhecer o mundo da ópera. Durante 30 anos, todos os sábados à noite, escutamos e assistimos ópera juntos em vídeos, nos teatros, etcétera. E por acaso, uma dessas pessoas, o Gilberto Chaves, foi o diretor do Teatro de Ópera da cidade de Belém e, durante seis anos, criou juntamente com outros o Festival de Ópera da cidade, com a frequência média de três óperas cada ano levadas ao palco. Todo esse material está registrado hoje em vídeos. Esse material demonstra a riqueza dessa experiência coletiva.³⁹ Através do contato com a ópera e com essas pessoas, traduzir duas óperas do século XIX, escritas e compostas por paraenses, por brasileiros amazônidas em Milão e que foram encenadas no teatro em Belém.⁴⁰ Essas duas óperas me ofereceram um novo ponto de vista da experiência operística no seu interior através da tradução dos seus livretos. Foi uma experiência boa e formativa, que ocorreu ao lado dessa experiência humana, pessoal ocorrida durante 30 anos, nos quais experimentei Ópera com essas pessoas. Durante esses 30 anos, cada vez que vinha a Paris e à Europa, eu completava minha formação operística indo periodicamente aos teatros de ópera em Paris, em Lisboa, na Itália, em vários lugares. A frequência aos festivais de ópera com amigos em Paris que são amadores como eu como o Serge Gruzinski, como você mesma, demonstram que a experiência pessoal no teatro não pode ser substituída pelo vídeo ou

³⁷ Maria Sylvia Ferreira da Silva Nunes (1930-2020), directora de teatro, cenógrafa, professora brasileira de la Universidade Federal do Pará. O Governo nomeou um teatro em sua honra em Belém. Veja Andréa e Nelson Sanjad, *Daquela estrela à outra: cartas a Maria Sylvia Nunes*, Belem, Editora Guardaletras, 2021.

³⁸ Gilberto Augusto Monteiro Chaves, (n. 1942), diretor-geral e diretor artístico do Festival de Ópera do Theatro da Paz. “Entrevista : Gilberto Chaves - O Homem da Ópera no Pará”, en *Opera & Ballet*, Blog Independente, Ali Hassan Ayache, Editor-Chefe, outubro 14, 2014, <http://operaeballet.blogspot.com/2014/10/entrevista-gilberto-chaves-o-homem-da.html>

³⁹ As gravações em vídeo de algumas das actuações podem ser visualizadas na secção Retrospectiva do site do Theatro da Paz: <https://www.theatrodapaz.com.br/retrospectiva>

⁴⁰ *Iara* de José Cândido da Gama Malcher (1853-1921), em V Festival de Ópera do Theatro da Paz, Belém do Para, agosto 2006, <https://www.youtube.com/watch?v=DTn3eJfryEc> Aa outra foi *Bug jargal* Ópera em quatro atos com música de José Cândido da Gama Malcher (Monte Alegre 1814, Belém 1882) e libreto em português de Vincenzo Valle, baseada no romance homónimo de Victor Hugo. <http://www.kareol.es/obras/bugjargal/bugjargal.htm>; <https://www.youtube.com/watch?v=R6h2rXWauLw>

mídias digitais, nem pelo disco; como você sabe, trata-se de uma experiência sensível mais rica em sensações e um entendimento mais profundo da música e do teatro musicado. Eu tentei não perder nenhuma ocasião para fazer essa experiência e continuo assim ainda. Espero não perder no futuro as ocasiões para ver e assistir à ópera e penetrar também naquilo de mais rico que possui essa experiência musical no teatro.

No es lo mismo escuchar un CD o ver un vídeo de “Il Guarany” de Carlos Gómes que verlo en escena. Lamentablemente, sólo lo he podido disfrutar a través de lo que ustedes han hecho y las grabaciones que han difundido.⁴¹ Pero afortunadamente sí he tenido la dicha de gozar con otras óperas en magníficos teatros y con magníficos cantantes. Y siempre pienso en la importante la relación que existe entre la música y la historia, Es algo que merece ser resaltado y que tú has sabido llevar a otra dimensión, porque es una forma de conectar la historia de distintos países. Entonces vuelvo a las Amazônias que están insertas en un mundo globalizado, donde se pierde un poco la identidad y se tienen rasgos en común con otras regiones. Sabemos que te interesa conocer esta globalización da Amazônia y sus conexiones, hacer una historia que relacionara la Amazônia con otras regiones de frontera. ¿Es factible hacerlo?

A mundialização da Amazônia, a globalização foi um elemento que eu estudei na minha tese e também está no livro. No livro eu começo descrevendo a presença dos ingleses, dos holandeses, dos espanhóis, além dos portugueses, dos franceses, desde o século XVI na região. Costumo brincar com as pessoas, dizendo que é preciso imaginar os rios da Amazônia como o metrô da Cidade do México na hora do “rush”; centenas ou milhares de pessoas falando várias línguas e circulando pelos rios dessa maneira. Porque no século XVI, os efeitos epidemiológicos não haviam destruído demograficamente as populações indígenas. Então era possível ver uma quantidade considerável de pessoas com línguas diferentes circulando nos rios. Isso não é mais possível a partir do século XVII. Cada vez mais ao longo dos séculos o processo de globalização da Amazônia é visível e palpável. Hoje em dia, o maior parceiro econômico na Amazônia é a China, que possui uma parte do capital e das ações empregado nas companhias hidroelétricas geradoras de energia e na economia de base.⁴² A China hoje está presente nas duas capitais amazônicas, tanto em Belém quanto em Manaus, através do Instituto Confúcio,⁴³ ensinando o chinês para as novas gerações de jovens da região. Eu mesmo estou começando a aprender o chinês em Belém, porque essa é a língua do futuro muito próximo. A China está presente também de uma outra forma nas cidades da região através da medicina e da migração. O comércio de pequeno porte em Belém e em Manaus é majoritariamente chinês, estão para todos os lados. Há presença da China, mas também dos haitianos. 14,000 haitianos migraram em 2009 para Amazônia e em seguida vários outros grupos. Hoje há uma migração importante,

⁴¹ Em 2007, por ocasião do 20º aniversário do Festival de Ópera do Theatro da Paz, Belém do Pará, foi apresentada Il Guarany, de Carlos Gomes. <https://www.youtube.com/watch?v=Vk-ex2ud2FM&t=1s>

⁴² Sarita Reed, Lulu Ning Hui, “¿La presencia comercial de China en la Amazonía puede volverse más ecológica?”, mayo 9, 2022, <https://dialogochino.net/es/comercio-y-inversiones-es/53558-puede-la-presencia-china-en-la-amazonia-volverse-mas-ecologica/>

⁴³ Instituto Confúcio: “Nossa missão é o ensino da língua chinesa, a divulgação da cultura e da história da China e o fortalecimento do intercâmbio cultural e acadêmico entre o Brasil e a China”, <https://paginas.uepa.br/institutoconfucio>

em Belém e em Manaus, de cidadãos venezuelanos que fogem da crise econômica na Venezuela, inclusive indígenas. Há certamente uma presença internacional na Amazônia dentro das próprias cidades, que ocorre pelos mesmos fatores que provocam as pessoas a deixarem seus países de origem hoje: as crises econômicas, as guerras, as catástrofes climáticas. Os efeitos das mudanças nesses domínios estão acontecendo no planeta inteiro e estão afetando diretamente a Amazônia. Não é possível hoje entendermos e explicarmos a história da Amazônia separada dos destinos do resto do planeta. É desse modo que percebo. Hoje é importante adquirirmos a visão ampla da Panamazônia: todos os países que formam essa macro-região estão completamente interligados. A partir deste ano, com a eleição do governo Lula, novamente as conexões com os outros países vizinhos na Panamazônia, Bolívia, Peru, Colômbia, Equador, etcétera, vão recomeçar a se reestabelecer. Por quê? Nos quatro anos passados, o governo Bolsonaro⁴⁴ destruiu essa comunicação em pro do isolamento brasileiro. Então, esses quatro anos do governo Bolsonaro significaram a destruição das relações internacionais do Brasil, provocando o isolamento do país. O governo Lula atual já reiniciou o diálogo do Brasil com os outros países do mundo. Isso é visível, por exemplo, na formação atual dos ministérios do governo Lula, quando o novo presidente convocou o embaixador brasileiro na Ucrânia para se tornar o ministro das relações exteriores,⁴⁵ com o que Lula já se manifestou claramente contra a Rússia e a favor da Ucrânia. Existe uma vontade importante do governo brasileiro e das instituições brasileiras, inclusive das instituições universitárias, para se abrirem cada vez mais ao diálogo com o resto do mundo, inclusive na América Latina.

Acabamos de vivir una situación global, mundial, terrible que fue la pandemia del COVID-19. Trajo muchas consecuencias negativas, pero hubo una positiva: el encierro nos hizo aprovechar las fuentes digitales. Algunas instituciones y personas pusieron a disposición de aquel que tuviera acceso a internet, sus libros, sus archivos, sus memorias para poder continuar con el trabajo académico. Sé que recientemente te has interesado mucho por la historia digital y estás inclusive impartiendo cursos. Háblanos de la importancia de esta nueva faceta de las pesquisas a través del mundo digital.

A história digital tomará cada vez mais o saber histórico. É uma questão de tempo. Eu notei esse fato a partir do momento em que vivemos a pandemia do Covid-19. Esse fato é um campo necessário hoje de reflexão teórica e de pesquisas inovadoras, de investigações e criação de arquivos da parte dos historiadores. Eu decidi, a partir de março de 2022, formar um grupo de história digital na Panamazônia, para dialogar sobre questões associadas à região Panamazônica, a partir da história digital, tanto sob o ponto de vista das temáticas e objetos históricos, ou temáticas históricas ligadas aos oito países da Panamazônia, quanto do ponto de vista teórico. Do ponto de vista teórico, eu comecei a dialogar com pesquisadores da região sobre a história digital a partir de um curso ministrado esse ano no mestrado e doutorado em história da minha

⁴⁴ Jair Messias Bolsonaro (n. 1955), presidente do Brasil de 2019 a 2023. https://www.cidob.org/biografias_lideres_politicos/america_del_sur/brasil/jair_bolsonaro

⁴⁵ Mauro Luiz Iecker Vieira (n. 1951), diplomático. <https://www.brasildefato.com.br/2022/12/15/quem-e-mauro-vieira-conheca-perfil-do-proximo-ministro-das-relacoes-exteriores-do-brasil>

universidade.⁴⁶ Notei grande interesse sobre o campo da história digital pelos estudantes que estão fazendo pesquisas. E sobretudo, não se trata apenas de ensinar ou refletir num registro apologético da história digital, mas sobretudo uma visão crítica desse tipo de história, onde não permanecemos no encantamento que produz o universo digital. É óbvio que as vantagens trazidas pelo mundo digital são enormes. Nós pesquisadores ganhamos muito com a história digital, porém essa imersão no universo digital provoca uma série de falsificações, de mitologizações, de falsa valorização do que é a realidade digital, promovendo a história digital e o mundo digital a uma forma de fazer história que só oferece grandes benefícios, sem que tenhamos uma visão experiência crítica dela. A digitalização do mundo, a meu ver, está causando grandes problemas para enfrentarmos. A guerra hoje é digital, o ensino nas universidades e nas escolas é digital. O nosso universo no campo da saúde está se tornando digital, ou seja, em todos os âmbitos as máquinas, a inteligência artificial está entrando. A pergunta é: o que acontece com a história e sua escrita? Com o trabalho do historiador, e com o historiador que trabalha nas Amazônias, na Panamazônia? Esse é um desafio que comecei a enfrentar e que vou levar algum tempo ainda enfrentando. Não sei onde essa escolha vai me levar, porém uma coisa é certa: estou satisfeito com os resultados iniciais dessa reflexão pelo fato de que as pessoas despertam sua curiosidade, os estudantes se inquietam pensar criticamente o mundo digital e a história digital nesse mundo. Creio que pelo menos desencadeamos um processo, sem ter ainda muitas respostas para as questões que propomos; estou começando a me familiarizar com os grupos de estudo que existem no Brasil, mas também fora do Brasil. Estou começando a conhecer a tradição norte-americana e a tradição europeia, sobretudo italiana. São as duas tradições de estudos da história digital mais antigas e mais importantes. Gostaria muito de saber, por exemplo, como anda a história digital no México, que é outro país que percebo a história digital ter um forte apelo e certa presença. Gostaria de conhecer melhor e cada vez mais também o desenvolvimento desse domínio da história mexicana.

¡Pues estás más que invitado a venir a México a interactuar con quienes comparten tu interés! Y por lo que veo, hay muchos temas y muchas colaboraciones a futuro. Me da gusto que estemos compartiendo estos espacios, esta posibilidad de conocer lo que estás haciendo. Te agradezco mucho, quedan muchas preguntas en el tintero. Podríamos estar horas y horas conversando. Sin embargo, creo que nos has podido presentar una visión muy interesante de la forma en que las Amazônias están posicionándose en la historiografía del mundo y qué bueno que desde México hasta Brasil y hasta Paris podemos tener, gracias al mundo digital, este tipo de conversaciones. Muchísimas gracias Décio. Muchas gracias a ti. Saludos!!

Transcrição por Nicolas Jaramillo Giraldo

⁴⁶ O Programa Disciplina História Digital na Pan-Amazônia 2022, UFBA pode ser encontrado em <https://pphist.proresp.ufpa.br/ARQUIVOS/disciplinas/2022/Programa%20T%C3%B3pico%20especial%20Hist%C3%B3ria%20digital%20teoria%20e%20pr%C3%A1tica%202022.pdf>

BIBLIOGRAFIA DA ENTREVISTA COM DÉCIO DE ALENCAR GUZMÁN

- Bezerra Neto, José Maia y Décio de Alencar Guzmán, *Terra matura: historiografia e história social na Amazônia*, Belem, Editora Paka-Tatu, 2002.
- Carneiro da Cunha, Manuela, *Direito dos Índios. Ensaios e documentos*, São Paulo, Brasiliense, 1987.
- Carneiro da Cunha, Manuela, *História dos Índios no Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- Castelnau-L'Estoile, Charlotte de, *Les ouvriers d'une vigne stérile. Les jésuites et la conversion des Indiens au Brésil (1580-1620)*, Lisboa-París, Fundación Calouste Gulbenkian, 2000.
- Castelnau-L'Estoile, Charlotte de, *Trabajadores de una viña estéril: los jesuitas y la conversión de los indios en Brasil 1580-1620*, Bauru, EDUSC, 2006.
- Estensoro Fuchs, Juan Carlos, *Música y sociedad coloniales (Lima 1680-1830)*, Lima, Éditions Colmillo Blanco, "Arena", 1989.
- Estensoro Fuchs, Juan Carlos, *Del paganismo a la Santidad. La incorporación de los indios del Perú al catolicismo, 1532-1750*, Lima, Institut Français d'Études Andines, 1998.
- Guzmán, Décio de Alencar y Lodewijk A. H. C. Hulsman, *Holandeses en Amazonia (1620-1650): documentos inéditos*, Belem, Imprensa Oficial do Estado do Pará, 2016.
- Guzmán, Décio de Alencar, "História de Brancos: memória e historiografia dos índios Manao do Rio Negro (sécs. XVIII-XX)", tesis de maestría en Historia, Brasil, Universidad Estatal de Campinas, UNICAMP, 1998.
- Guzmán, Décio de Alencar, "Les chefferies Indigènes du Rio Negro à l'époque de la conquête de l'Amazonie, 1650-1750 : le cas des Indiens Manao", thèse Mémoire de DEA, Histoire et civilisations, Paris, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, 1998.
- Guzmán, Décio de Alencar, "Constructores de ciudades: mamelucos, indios y europeos en las ciudades pombalinas de la Amazonia (siglo XVIII)" en Clara García & Manuel Ramos Medina (comps.), *Ciudades mestizas: Intercambios y continuidades en la expansión occidental, Siglos XVI a XIX. IV Congreso Mediadores Culturales México. Ciudades Mestizas: Intercambios y continuidades en la expansión occidental, siglos XVI a XIX*, México, Centro de Estudios de Historia de México-CONDUMEX, 2001, pp. 89-99.
- Guzmán, Décio de Alencar, "Índios misturados, caboclos e curibocas: análise histórica de um processo de mestiçagem, Rio Negro (Brasil), séculos XVIII e XIX" en C. Adams, R. Murrieta, W. Neves, *Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade*, Sao Paulo, Anablume, 2006, pp. 67-80.
- Guzmán, Décio de Alencar, "Mobile frontiers, living frontiers: Indians, brown blacks, soldiers and missionaries in the Guiana Amazon (17th and 18th centuries)" en A. L. Meira y S. J. Pesavento, *Fronteiras do mundo ibérico: patrimônio, território e memória das Missões*, Porto Alegre, Editora da UFRGS-IPHAN, 2007, pp. 37-50.

- Guzmán, Décio de Alencar, “A colonização nas Amazônias: guerras, comércio e escravidão nos séculos XVII e XVIII”, *Revista de Estudos Amazônicos*, vol. III, núm. 2, 2008, pp. 103-138.
- Guzmán, Décio de Alencar, “Mixed Indians, Caboclos and Curibocas: Historical Analysis of a Process of Miscegenation; Rio Negro (Brazil), 18th and 19th Centuries” en Cristina Adams, Rui S. S. Murrieta, Walter A. Neves, Mark Harris, *Amazon Peasants Societies in a Changing Environment: Political Ecology, Invisibility and Modernity in the Rainforest*, Nueva York, Springer, 2008, pp. 55-68.
- Guzmán, Décio de Alencar, “Mission locale, vision globale: utopie et vie sociale dans les missions jésuites en Amazonie au XVIIe siècle”, *e-Spania. Revue interdisciplinaire d'études hispaniques médiévales et modernes*, CLEA, oct. 2015. <<https://journals.openedition.org/e-spania/25124>>. [Consulta: 02 de febrero de 2024.]
- Guzmán, Décio de Alencar, “Mission locale, vision globale: utopie et vie sociale dans les missions jésuites en Amazonie au XVIIe siècle” en Jean-Claude Muller, Karl-Heinz Arenz, *Mission, acculturation et histoire globale : l'exemple du Brésil et de l'Inde. Actes du Colloque de Luxembourg, 13-15 octobre 2010*, Luxemburgo, Les Amis de l'Histoire, 2015, pp. 97-111.
- Guzmán, Décio de Alencar, “Dans le labyrinthe du Kuwai : échanges, guerres et missions dans la vallée de l'Amazone (1650-1750)”, tesis de doctor de Sorbonne Université, discipline Études romanes espagnoles, 2018. <<http://www.theses.fr/2018SORUL182>>. [Consulta: 02 de febrero de 2024.]
- Guzmán, Décio de Alencar, *Dans le labyrinthe du Kuwai: Conquête, colonisation et christianisation en Amazonie (XVI-XVIII siècles)*, Paris, Éditions Le Manuscrit, 2021.
- Kok, Glória, “En memoria de John Manuel Monteiro (1956-2013)”, *Procesos: revista ecuatoriana de historia*, Universidad Andina Simón Bolívar, núm. 39, enero-junio, 2014, Ecuador, pp. 147-150.
- Levaggi, Abelardo “República de Indios y República de Españoles en los Reinos de Indias”, *Revista de estudios histórico-jurídicos*, Pontificia Universidad Católica de Valparaíso, núm. 23, 2001, Valparaíso, pp. 419-428. <https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0716-54552001002300009>. [Consulta: 02 de febrero de 2024.]
- Monteiro, John Manuel (coord.), *Guia de Fontes para a História Indígena e do Indigenismo em Arquivos Brasileiros. Acervos das capitais*, São Paulo: Núcleo de História Indígena y del Indigenismo y Fundación de Amparo a la Investigación del Estado de São Paulo, 1994.
- Monteiro, John Manuel, *Negros da Terra. Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*, São Paulo, Companhia das Letras, 1994
- Moura Ribeiro Zeron, Carlos Alberto de, *Ligne de foi: La Compagnie de Jésus et l'esclavage dans le processus de formation de la société coloniale en Amérique portugaise (XVIe-XVIIe siècles)*, Paris, Éditions Classiques Garnier, 2008.
- Puig Carrasco, Alberto, “La gran Chichimeca una frontera inestable para nueva España” en Carlos Díaz Sánchez, Alberto Puig Carrasco, Magdalena de Pazzis Pi Corrales (dirs.), *Aportaciones de los coloquios de Jóvenes Investigadores en Historia y Arqueología Militar. Nuevas Perspectivas*, Madrid, Universidad Complutense, Ministerio de Defensa, Cátedra de Historia Militar, 2020, pp. 407-434.

- Sanjad, Andréa y Nelson Sanjad, *Daquela estrela à outra: cartas a Maria Sylvia Nunes*, Belém, Editora Guardaletas, 2021.
- Torres Montenegro, Antonio, “Dictadura en Brasil (1964 -1985). La militancia política, el encarcelamiento y la tortura”, *Confluenze: Rivista di Studi Iberoamericani*, Università de Bologna, vol. 6, núm. 2, 2014, Bologna, pp. 167-200, <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4993020>>. [Consulta: 02 de febrero de 2024.]
- Wachtel, Nathan, *La vision des vaincus. Les Indiens du Pérou devant la conquête espagnole (1530-1570)*, París, Gallimard, 1971.
- Wachtel, Nathan, *Los vencidos. Los indios del Perú ante la conquista española*, Madrid, Alianza Editorial, 1976.
- Wachtel, Nathan, *Le retour des ancêtres. Los indios Urus de Bolivia, XXe-XVIe siècle. Essai d'histoire régressive*, París, Gallimard, 1990.
- Wachtel, Nathan, *El regreso de los antepasados. Los indios Urus de Bolivia de los siglos XX al XVI. Ensayo de historia regresiva*, México, Fondo de Cultura Económica, 2001.
- Zárate Toscano, “Entrevista con Serge Gruzinski” en Verónica Zárate Toscano, *Diálogo con historiadores. Reflexiones en torno al tiempo, el espacio y la memoria*, México, Instituto Mora, Facultad de Filosofía y Letras-UNAM, Comité Mexicano de Ciencias Históricas, 2014, pp. 101-120.

DÉCIO DE ALENCAR GUZMÁN BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Trabalhos em coautoria

- Bezerra Neto, José Maia y Décio de Alencar Guzmán, *Terra matura: historiografia e história social na Amazônia*, Belem, Editora Paka-Tatu, 2002.
- Coelho Ferreira, Elias Abner y Décio de Alencar Guzmán, “Porque sem eles [...] é não terem asas para voar, ãnem pés para caminhar ...?: os índios remeiros na Amazônia colonial. Um estudo a partir da crônica do padre João Daniel (1741 - 1776)”, *Anais do IV Encontro Internacional de História Colonial. Histórias e memórias indígenas*, vol. 11, Belém, Açáí, 2015, pp. 100-113.
- Guzmán, Décio de Alencar, Antonio Otaviano Vieira Junior y Fernanda Aires Bombardi, “O Centro de Memória da Amazônia e a História Demográfica: Documentação Cartorária de Belém do Pará (1800-1822)” en Ana Silvia Volpi Scott, Eliane Cristina Deckmann Fleck (eds.), *A corte no Brasil: população e sociedade no Brasil e em Portugal no início do século XIX*, São Leopoldo, Oikos/UNISINOS, 2008, pp. 104-116.

- Guzmán, Décio de Alencar y Leonardo Raiol Junior, “A reorganização e a fluidez do uso da mão de obra indígena no Grão-Pará: segunda metade do século XVIII (1750-1765)”, (*TELLUS UCDB*), vol. 19, 2019, pp. 177-205.
- Guzmán, Décio de Alencar y Francisca Nescylene Fontenele, “Rubens Rodrigues Lima: encontros entre o saber caboclo sobre a várzea amazônica e as Ciências Agrárias (1945-1998)” en Wesley Oliveira Kettle (eds.), *Rios de história: o passado em caminhos fluviais*, Editora Olyver, 2022, pp. 234-251.

Obras individuais

- “A colonização nas Amazônia: guerras, comércio e escravidão nos séculos XVII e XVIII”, *Revista de Estudos Amazônicos*, vol. 1, 2008, pp. 103-139.
- “A Primeira Urbanização: Mamelucos, Índios e Europeus nas Cidades Pombalinas da Amazônia, 1751-1757”, *Revista de Cultura do Pará*, vol. 18, 2008, pp. 75-94.
- “A urbanização dos carmelitas çapatuyúma no Rio Negro (sécs. XVII-XVIII)” en Karl Heinz Arenz e João Antônio Fonseca Lacerda Lima (orgs.), *Igreja e religiosidade na Amazônia colonial*, São Paulo, Editora Livraria da Física, 2021, pp. 23-46.
- “Beethoven com Benedito” en Lilia Silvestre Chaves (ed.), *O amigo Bené: fazedor de rumos*, Belém, SECULT, 2011, pp. 141-142.
- “Bernardo Pereira de Berredo: historiador da Amazônia” en J. M. Bezerra Nieto (org.), *Diálogos entre história, literatura e memória*, Belém, Paka-Tatu, 2007, pp. 185-196.
- “Bernardo Pereira de Berredo: Historiador da Amazônia”, *Simpósio Internacional de História da Amazônia*, Belém, Paka-Tatu, 2004.
- “Ce que les Jésuites ont fait aux Indiens”, *L'Histoire*, Sophia Publications, junio, 2021, Paris, pp. 2-6.
- “Ciência e Política no Brasil Colonial: Frei Cristóvão de Lisboa” en Scarlett O’Phelan, Solange Alberro, Carmen Salazar-Soler (eds.), *Passeurs, mediadores culturales y agentes de la primera globalización en el mundo ibérico, (siglos XVI-XIX)*, Lima, Institut Français d’Études Andines/Instituto Riva Agüero, 2005, pp. 512-549.
- “Constructores de ciudades: mamelucos, indios y europeos en las ciudades pombalinas de la Amazonia (siglo XVIII)” en Clara García, Manuel Ramos Medina (comps.), *Ciudades mestizas: Intercambios y continuidades en la expansión occidental, Siglos XVI a XIX*, México, Centro de Estudios de Historia de México, 2001, pp. 89-99.
- “Da Festa à Rebelião, do Divertimento à Subversão”, *Documentos Culturais*, vol. 7, 2006, pp. 7-17.
- “Encontros circulares: Guerra e comércio no Rio Negro (Grão-Pará), séculos XVII e XVIII”, *Anais do Arquivo Público do Pará*, Arquivo Público do Pará, vol. 5, núm. 1, 2006, Belém, pp. 139-165.
- “Festa, Preguiça e Matulagem: o trabalho indígena e as oficinas de pintura e escultura no Grão-Pará, sécs. XVII-XVIII”, *Revista Estudos Amazônicos*, vol. XIII, 2015, pp. 1-29.

- “Fronteiras móveis? Fronteiras vivas?: índios, negros marrons, soldados e missionários na Amazônia guianense (séculos XVII e XVIII)” en A. L. Meira, S.J. Pesavento (eds.), *Fronteiras do mundo ibérico: patrimônio, território e memória das Missões*, Porto Alegre, Editora da UFRGS/IPHAN, 2007, pp. 37-50.
- Guerras na Amazônia do século XVII: resistência indígena à colonização*, Belém, Estudos Amazônicos, 2012.
- “Hercules Gallicus in het Amazonegebied: exotisme en politiek van de jezuïetenspektakels (zeventiende en achttiende eeuw)” en Johan Werberckmoes (ed.), *Vreemden vertoond: opstellen over exotisme en spektakelcultuur in de Spaanse Nederlanden en de Nieuwe Wereld*, Leuven, Peeters, 2002, pp. 221-239.
- “Índios misturados, caboclos e curibocas: análise histórica de um processo de mestiçagem, Rio Negro (Brasil), séculos XVIII e XIX” en C. Adams, R. Murrieta, W. Neves (eds.), *Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade*, São Paulo, Annablume, 2006, pp. 67-80.
- “La primera urbanización de los ‘Abunás’. mamelucos, indios y Jesuitas en las Ciudades Portuguesas de la Amazonía, siglos XVII y XVIII”, *Boletín americanista*, Revistas Científicas de la Universitat de Barcelona, núm. 75, 2017, Barcelona, pp. 53-73.
- “La route des extrêmes : l'Amazonie et les Français au XVIIe siècle” en Louise Bénat- Tachot, Clotilde Jacquard, Mauricio Onetto Pavez (orgs.), *La transversalité du continent américain: Lectures géopolitiques (XVIIe-XVIIIe siècles)*, Paris, Éditions Le Manuscrit, 2022, pp. 243-268.
- “L'Indien et le jésuite”, *L'Histoire*, Paris, agosto, 2011, pp. 29-31.
- “Mission locale, vision globale: utopie et vie sociale dans les missions jésuites en Amazonie au XVIIe siècle”, *e-Spania. Revue interdisciplinaire d'études hispaniques médiévales et modernes*, CLEA, 21 de octubre, 2015. <<https://journals.openedition.org/e-spania/25124>>[Consulta: 02 de febrero de 2024.]
- “Mixed Indians, Caboclos and Curibocas: Historical Analysis of a Process of Miscegenation; Rio Negro (Brazil), 18th and 19th Centuries” en Cristina Adams, Rui S. S. Murrieta, Walter A. Neves, Mark Harris (eds.), *Amazon Peasants Societies in a Changing Environment: Political Ecology, Invisibility and Modernity in the Rainforest*, New York, Springer, 2008, pp. 55-68.
- “Mondi uniti, storie separate: inglesi, olandesi e portoghesi tra Amazzonia e Caraibitri Caraiibi” en Marco Luppi (org.), *La Rotta Atlantica: Storia di reciproche scoperte*, Figline ed Incisa Valdarno, Città Nuova, 2021, pp. 101-140.
- “Much Ado about Nothing: Le passage amazonien entre le Pacifique et l'Atlantique au XVIIe siècle”, *Nuevo Mundo-Mundos Nuevos*, Mondes Américains, 2020, <<https://journals.openedition.org/nuevomundo/81452>>. [Consulta: 02 de febrero de 2024.]
- “O Inferno Abreviado: Evangelização e Expansão Portuguesa no Xingu (século XVII)” en César Martins de Souza, Alírio Cardozo (eds.), *Histórias do Xingu: Fronteiras, Espaços e Territorialidades (séc. XVII-XXI)*, Belém, EDUFPA, 2008, pp. 35-49.
- O Projeto Várzea: uma história relacional da ciência na Amazônia brasileira (1945-2019)*, Belém, Paka-Tatu, 2022.
- “Os Jesuítas de Ignácio Moura e a Independência do Brasil”, *Revista de Estudos Amazônicos*, vol. 1, 2007, pp. 75-79.
- “Prefácio” en *Relato do Crepúsculo de Jussara Derenji*, Belém, FUMBEL, 2003, pp. 3-11.

“Réseaux indiens et européens dans le commerce amazonien (16e-18e siècles)” en Bart de Prins, Eddy Stols, Johan Verberckmoes (eds.), *Brasil: Cultures and Economies of Four Continents*, ACCO, Leuven 2001, pp. 25-36.